

Análise do comportamento verbal de treinadores de futebol em competição de base

Analysis of coaches' behavior in soccer youth competition

Análisis del comportamiento verbal de entrenadores de fútbol en competición base

*Ronélia Oliveira Melo Viana, **Alberto Goes Júnior, ***João Bosco Gomes Lima Júnior, *Tathiane Krahenbühl, *Lucas Leonardo, **Alcides José Scaglia, *João Cláudio Machado

*Universidade Federal do Amazonas (Brasil), ** Universidade Estadual de Campinas (Brasil), *** Escola Panter de Futsal (Brasil)

Resumo. O objetivo do estudo foi analisar os comportamentos verbais utilizados por treinadores durante uma competição Estadual brasileira da categoria Sub-11 de futebol. Participaram do estudo dois treinadores da categoria Sub-11, que disputaram o Campeonato Estadual. Foi realizada a filmagem dos treinadores por meio de um dispositivo móvel posicionado na lateral do campo, oposta à área técnica, garantindo uma visão frontal do treinador. Para a gravação do áudio dos treinadores foi utilizado, durante os jogos, um microfone sem fio, estilo lapela, para que os dados de voz fossem captados concomitantemente. Para analisar o comportamento verbal dos treinadores, o Sistema de Análise e Intervenção do Treinador (CAIS – Coach Analysis and Intervention System) foi utilizado. Os resultados destacam que os comportamentos verbais de silêncio e instrução foram os mais frequentes entre os treinadores. Além disso, foi possível identificar em que momento as intervenções foram passadas, a quem foram dirigidas e o tipo de conteúdo abordado pelos treinadores. Sendo assim, os treinadores podem ter diferentes comportamentos, dependendo do contexto, dentro ou fora do jogo.

Palavras-chave: Formação, Crianças e Contexto.

Abstract. The aim of this study was to analyze the verbal behaviors used by coaches during a State competition in the Under-11 age category. Two coaches from who competed in the State Championship participated in the study. The coaches were filmed using a mobile device positioned on the side of the field, opposite the technical area, ensuring a frontal recording of the coach. To record the coaches' audio, a wireless lavalier-style microphone was used during the games, so that voice data could be captured simultaneously. To analyze the verbal behavior of coaches, the Coach Analysis and Intervention System (CAIS) was used. The results highlight that the verbal behaviors of silence and instruction were the most frequent among coaches. Furthermore, it was possible to identify when the interventions were given, who they were aimed at, and the type of content covered by the coaches. Therefore, coaches can have different behaviors, depending on the context, inside or outside the game.

Keywords: Coaches, Football, verbal behaviors, instruction, and feedback.

Resumen. El objetivo del estudio fue analizar las conductas verbales utilizadas por los entrenadores durante una competición estatal en la categoría de fútbol Sub-11. En el estudio participaron dos entrenadores de la categoría Sub-11 que compitieron en el Campeonato Estatal. Los entrenadores fueron filmados mediante un dispositivo móvil colocado en el lateral del campo, frente al área técnica, garantizando una visión frontal del entrenador. Para grabar el audio de los entrenadores, se utilizó un micrófono inalámbrico estilo corbata durante los juegos, de modo que los datos de voz pudieran capturarse simultáneamente. Para analizar el comportamiento verbal de los entrenadores se utilizó el Sistema de Análisis e Intervención del Entrenador (CAIS – Coach Analysis and Intervention System). Los resultados destacan que las conductas verbales de silencio e instrucción fueron las más frecuentes entre los entrenadores. Además, fue posible identificar cuándo se realizaron las intervenciones, a quiénes estaban dirigidas y el tipo de contenidos cubiertos por los coaches. Por tanto, los entrenadores pueden tener diferentes comportamientos según el contexto, dentro o fuera del juego.

Palabras clave: Entrenadores, Fútbol, conductas verbales, instrucción y retroalimentación.

Fecha recepción: 16-11-23. Fecha de aceptación: 10-06-24

João Machado

jclaudio@ufam.edu.br

Introdução

O treinador é um personagem de importância fundamental no processo de formação esportiva de jovens futebolistas. Dentre os muitos desafios, criar e ajustar ambientes representativos de prática é uma das principais exigências que este profissional encontra, visando potencializar o desempenho e o aprendizado de jogadores (Machado & Scaglia, 2022). Além das competências profissionais, os treinadores necessitam desenvolver as competências intrapessoais e interpessoais para uma atuação eficaz em qualquer contexto (Côté & Erickson, 2015). Esses conhecimentos perpassam, respectivamente, pela capacidade do treinador refletir deliberadamente e de interagir com os agentes ao seu entorno (Purnomo et al., 2024). Touguinhó et al. (2023) sustentam que os treinadores de futebol exercem grande papel de influência sobre seus jogadores, bem como sobre o ambiente e as relações sociais estabelecidas dentro

de suas equipes.

Goes et al. (2022) afirmam que, dentre as várias possibilidades de intervenção, treinadores podem fazer uso de estratégias verbais/gestuais, que por meio da verbalização e dos gestos corporais auxiliam os jogadores a se relacionar com variáveis do jogo de maneira coerente (Bettega et al., 2018). Neste mesmo sentido, Allan & Côté (2016) afirmam que intervenções verbais e não-verbais influenciam o processo de aprendizagem de jogadores. Nesse contexto, Agustí et al. (2020) observaram que treinadores com formação universitária utilizam comportamentos verbais diversificados como *feedback*, questionamento e humor que estimulam a autonomia e o desenvolvimento cognitivo, além de capacitar e melhorar a autoconfiança dos jogadores. Em contrapartida, treinadores sem formação universitária apresentaram comportamentos verbais menos diversificados, adotando uma postura mais diretiva, baseada na instrução. Diloy-Penã et al. (2022) verificaram que comportamento do treinador associado ao

modelo pedagógico das novas tendências estimulam necessidades psicológicas básicas quando comparado a modelos de ensino tradicional.

Nesse sentido, estudos passaram a investigar o comportamento do treinador em diferentes contextos de prática. Paixão et al. (2021) verificou que treinadores da região de Beja em Portugal priorizavam ações voltadas aos comportamentos técnico-táticos em detrimento dos físicos. Hicheur et al. (2020) analisaram se o *feedback* aumentado, durante sessões de treino, melhora as habilidades motoras e de percepção em futebolistas de categorias Sub-14 e Sub-15. Os autores constataram que os jogadores melhoraram significativamente a precisão do passe, o tempo de respostas nas ações e o desempenho geral. Dos Santos et al. (2012) em estudo que analisava a comunicação dos treinadores de futebol de equipes juvenis durante a competição, identificaram instruções predominantemente prescritivas, emitidas de forma auditiva e de aporte, em sua maioria, ao atleta. Nesse mesmo estudo foi possível perceber que os conteúdos abordados pelos treinadores tiveram predominância tática. Batista et al. (2019) investigaram os efeitos da instrução prévia sobre aspectos técnicos e táticos em jogos reduzidos de futebol e constataram que essa estratégia de intervenção pode ser eficaz para potencializar o desempenho dos jogadores em diferentes fases do jogo, de acordo com o direcionamento das instruções fornecidas pelos treinadores.

Reconhecendo a importância das intervenções do treinador e o quanto estas podem afetar o desempenho e a aprendizagem de jogadores de futebol, instrumentos de análise do comportamento de treinadores foram validados, como o Sistema de Análise e Intervenção de Treinadores (CAIS – Coach Analysis and Intervention System), desenvolvido por (Cushion et al., 2012). Todavia, ainda é escassa a produção de dados que caracterizam o comportamento verbal de treinadores em competições de categorias de base. Dentre os poucos achados, Dos Santos et al. (2014) analisaram o comportamento de instrução de treinadores e destacaram que os treinadores transmitiram instruções direcionadas ao reforço positivo e correções de ordem tática. Não encontramos estudos que tenham sido realizados no continente sul-americano, evidenciando que há a necessidade de preencher tal lacuna. Dessa forma, o objetivo da presente investigação consiste em analisar os comportamentos verbais utilizados por treinadores durante uma competição Estadual brasileira da categoria Sub-11 no futebol.

Materiais e Métodos

Participantes

Participaram do estudo dois treinadores de futebol, graduados em Educação Física, com mais de 10 anos de experiência no ensino e treino de futebol, detentores de diversos títulos em diferentes competições com crianças, pertencentes a duas equipes que participaram de uma competição Estadual da categoria Sub-11 e que permitiram a realização da pesquisa de acordo com o desenho proposto. Foi realizada uma explanação dos procedimentos dos testes e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), previamente aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) através do CAEE 57404822.0.0000.5020.

Procedimentos

Os treinadores participantes do estudo foram acompanhados durante um jogo da fase classificatória (Treinador A: 55 anos, com ensino superior completo e 30 anos de experiência como treinador de jovens) e da final (Treinador B: 50 anos de idade, com ensino superior completo e com 20 anos de experiência como treinador de jovens) da competição. Os jogos tiveram duração de 50 minutos, divididos em dois tempos de 25 minutos, com intervalo de 5 minutos. As partidas do campeonato foram realizadas no formato Gr+9x9+Gr, em campos com dimensões de 64x45m e 65x55m.

Foi realizada a filmagem dos treinadores por meio de uma Câmera SONY DSC-HX3000 posicionada na lateral do campo, oposta à área técnica, garantindo uma visão frontal do treinador. A frequência foi ajustada a 10 frames por segundo. Para a gravação do áudio dos treinadores foi utilizado, durante os jogos, um microfone sem fio, estilo lapela da marca Boya, modelo BYWM4 PRO, para que os dados de voz fossem captados concomitantemente.

Análise do comportamento dos treinadores

Os comportamentos dos treinadores foram analisados através do Sistema de Análise e Intervenção de Treinadores (CAIS - Coach Analysis and Interventions System), proposto por (Cushion et al., 2012). O instrumento oferece a possibilidade de analisar comportamentos primários e secundários do treinador. Os comportamentos primários são estratégias verbais utilizadas por treinadores para repassar informações aos jogadores (Tabela 1).

Tabela 1.
Comportamento primários do treinador.

Comportamentos Primários	
Classificação do Comportamento	Descrição do Comportamento
1. Modelagem positiva	Demonstração de habilidades, com ou sem instrução verbal, que mostra ao atleta a maneira correta de executar.
2. Modelagem negativa	Demonstração de habilidades, com ou sem instrução verbal, que mostra ao atleta a maneira incorreta de executar.
3. Assistência física	Mover fisicamente o corpo do atleta à posição apropriada ou com a escala correta do movimento.
4 e 5. Feedback específico (positivo ou negativo)	Declarações verbais específicas simultâneas, ou pós ações (positivas ou negativo), que visam, especificamente, fornecer informações sobre a qualidade do desempenho.
6 e 7. Feedback geral (positivo ou negativo)	Declarações verbais gerais ou gestos não verbais simultâneos, ou pós ações (positivo ou negativo).
8. Feedback corretivo	Declarações corretivas que contêm informações que visam, especificamente, melhorar o desempenho do (s) jogador (es) na próxima tentativa de execução, pode ser entregue simultaneamente ou pós.
9. Instrução	Sugestões verbais, lembretes ou avisos para instruir habilidade direta ou de jogo relacionado ao desempenho do (s) jogador (es).

10. Humor	Piadas ou conteúdos projetados com intenção de fazer os jogadores rirem.
11. Agitação	Declarações verbais, ou gestos ligados ao esforço, para ativar ou intensificar o comportamento previamente direcionado.
12. Elogio	Declarações verbais positivas ou de apoio, ou gestos não verbais, que demonstrem o caráter geral de satisfação do treinador ou prazer para um (ou mais) jogador (es) que não visa (m), especificamente, melhorar o desempenho do (s) jogador (es) na próxima tentativa de habilidade.
13. Punição	Punição específica depois de um erro.
14. Repreensão	Declarações verbais, ou gestos não verbais negativos ou não contributivos, demonstrando descontentamento com jogador (ou mais) que não, especificamente, visam melhorar o desempenho na próxima tentativa de habilidade.
15. Indefinido	Declarações verbais que não tenham sido claramente ouvidas, não pertencente a qualquer outra categoria.
16. Silêncio	O treinador é silencioso, envolvido no treino ou fora do treino, segundo comportamento secundário.
17. Questionamento	O treinador faz uma pergunta sobre execução de tarefas, estratégia, procedimento ou pontuação, o status da lesão de um jogador, bem-estar de um jogador etc.
18. Resposta à pergunta	O treinador responde a uma pergunta que pode ou não estar diretamente relacionada ao treino ou à competição.
19. Gestão direta	Gestão que é relacionada ao treino ou a competição onde o treinador contribui diretamente para a prática/competição ou explicando como executar, ou comportamentos como a definição de alvos, arbitragem ou pontuação na prática, ou explicações verbais.
20. Gestão indireta	Gestão que é relacionada com o comportamento do treinador, não contribuindo diretamente para a prática/a competição de jogo.
21. Gestão crítica	Gestão que demonstra descontentamento com o comportamento do jogador(s) ou decisões oficiais do jogo. Ex: "Deixem as bolas enquanto eu falo!"
22. Análise de Protocolo Verbal	O treinador realiza reflexões consigo mesmo onde se utiliza de ações, comunicações, pensamentos e sentimentos. Ex: "pensar em voz alta".
23. Conferir com o Assistente	O treinador confere com os assistentes para falar, gerenciar ou refletir sobre qualquer coisa relacionada com a prática que está relacionada ao episódio de treinamento atual.

Além disso, o CAIS possibilita também analisar os comportamentos secundários, que buscam contextualizar as intervenções verbais do treinador, trazendo informações sobre o momento em que ocorre tal intervenção (Tempo e Fase do Jogo), a quem o treinador se direciona (Destinatário) e ao conteúdo utilizado pelo treinador.

Tabela 2.
Comportamentos secundários do treinador.

Comportamentos Secundários	
Destinatário	
Individual	O treinador conversa individualmente com um único jogador.
Grupo	O treinador conversa com um número de jogadores que alcance até a metade do time.
Time	O treinador conversa com jogadores titulares e reservas durante um jogo da competição.
Outros	Treinador conversa ou responde a indivíduos que não são jogadores (árbitro, torcedor, pai, etc.)
Tempo	
Antes	Informações repassadas antes de um acontecimento.
Durante	Informações repassadas durante de um acontecimento.
Depois	Informações repassadas após de um acontecimento.
Conteúdo	
Técnico	Informações que se referem a ações motoras individuais como chutes, passes, dribles, etc.
Tático	Informações relacionadas a estratégias, tomadas de decisões.
Outros	Informações que não se enquadram nas categorias anteriores.
Fase do jogo	
Ofensivo	Informações transmitidas sobre a fase ofensiva do jogo.
Defensivo	Informações transmitidas sobre a fase defensiva do jogo.

Confiabilidade dos dados

Dois avaliadores treinados para usar o CAIS preencheram e salvaram os comportamentos codificados em uma linha do tempo utilizando uma planilha do Microsoft Excel. Os dados de cada treinador foram analisados de maneira independente e em função dos momentos do jogo, considerando os comportamentos primários e secundários do instrumento. Para estabelecer a confiabilidade intra-observador foram realizadas duas análises, por observador, com intervalo de 7 dias. Cerca de 30% da amostra total (651 comportamentos dos treinadores) foi analisada em sessões diferentes, o padrão de concordância foi definido em 80%

(Cushion et al., 2012). O teste de Kappa mostrou que houve uma concordância forte tanto intra-avaliador ($k = 0.82$; $p < 0.001$) quanto inter-avaliador ($k = 0.81$; $p < 0.001$).

Análise dos dados

Os dados referentes aos comportamentos de cada treinador foram apresentados por uma estatística descritiva, na forma de frequência absoluta e frequência relativa. O teste do Qui-quadrado de aderência foi utilizado para verificar se havia diferença estatisticamente significativa nos comportamentos. O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0.05$) e o tratamento dos dados estatísticos foram realizadas no software GraphPad Prism, versão 8.0.

Resultados

A Tabela 3 apresenta os dados referentes aos comportamentos primários do Treinador A em diferentes momentos da partida. Nos momentos com bola em jogo, o silêncio, no 1º tempo da partida (Antes do 1º tempo técnico = 42,17%; Depois do 1º tempo técnico = 45,21%) e no 2º tempo da partida (Depois do intervalo = 36,05%; Depois do 2º tempo técnico = 41,30%) foi o comportamento mais frequente do treinador, seguido de *instrução*, no 1º tempo da partida (Antes do tempo técnico = 34,94%; Depois do 1º tempo técnico = 33,34%) e no 2º tempo da partida (Depois do intervalo = 20,93%; Depois do 2º tempo técnico = 28,27%). O intervalo de jogo foi o período em que o treinador mais diversificou o seu comportamento, através de *instrução* (18,18%) e *conferir com o assistente* (18,18%), seguido de *gestão indireta* (13,64%), *feedback* corretivo (13,64%) e *resposta à pergunta* (13,64%). No pedido de tempo técnico do 1º tempo da partida, o treinador utilizou *instrução* (33,34%) e *gestão indireta* (33,34%) como principais comportamentos. No 2º tempo da partida, predominou a *instrução* (22,23%), ainda que tenha diversificado com outros comportamentos.

Tabela 3.

Frequência absoluta e relativa dos comportamentos verbais do Treinador 1.

Comportamentos do treinador	1º Tempo da Partida				2º Tempo da Partida		
	Antes do tempo técnico	1º Tempo técnico	Depois do tempo técnico	Intervalo	Depois do intervalo	2º Tempo técnico	Depois do tempo técnico
Comportamento primário	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)
Silêncio	35 (42,17)	1 (8,33)	33 (45,21)	2 (9,09)	31 (36,05)	1 (11,11)	19 (41,30)
Instrução	29 (34,94)	4 (33,34)	21 (28,77)	4 (18,18)	18 (20,93)	2 (22,23)	13 (28,27)
Não codificável	5 (6,02)	0	4 (5,47)	0	3 (3,49)	1 (11,11)	2 (4,35)
Conversa com assistente	4 (4,82)	1 (8,33)	2 (2,74)	4 (18,18)	5 (5,82)	0	4 (8,70)
Gerenciamento indireto	2 (2,41)	4 (33,34)	1 (1,37)	3 (13,64)	1 (1,16)	1 (11,11)	0
Feedback corretivo	0	1 (8,33)	5 (6,85)	3 (13,64)	4 (4,65)	1 (11,11)	1 (2,17)
Análise de protocolo verbal	3 (3,61)	0	2 (2,74)	0	6 (6,98)	0	2 (4,35)
Questionamento	3 (3,61)	0	1 (1,37)	1 (4,54)	1 (1,16)	1 (11,11)	0
Resposta à pergunta	0	1 (8,33)	2 (2,74)	3 (13,64)	4 (4,65)	1 (11,11)	1 (2,17)
Repreensão	1 (1,21)	0	0	0	0	0	0
Modelagem positiva	1 (1,21)	0	0	0	1 (1,16)	0	0
Gerenciamento direto	0	0	1 (1,37)	2 (9,09)	3 (3,49)	0	3 (6,52)
Agitação	0	0	1 (1,37)	0	0	0	1 (2,17)
Feedback específico negativo	0	0	0	0	4 (4,65)	1 (11,11)	0
Gerenciamento crítico	0	0	0	0	2 (2,33)	0	0
Feedback geral negativo	0	0	0	0	1 (1,16)	0	0
Humor	0	0	0	0	1 (1,16)	0	0
Feedback específico positivo	0	0	0	0	1 (1,16)	0	0
Total	83 (100)	12 (100)	73 (100)	22 (100)	86 (100)	9 (100)	46 (100)
Qui-quadrado	167.4	91.04	199.6	13.12	179.2	10.08	134.1
P-Valor	<0.0001	<0.0001	<0.0001	0.069	<0.0001	0.184	<0.0001

A Tabela 4 apresenta os comportamentos secundários do Treinador A em diferentes momentos da partida. Foi possível constatar a predominância de comportamentos verbais direcionados de forma **individual** no 1º tempo da partida (Antes do tempo técnico = 36,15%; 1º Tempo técnico = 50%; Depois do 1º tempo técnico = 31,51%) no Intervalo (= 31,82%) e no 2º tempo da partida (Depois do intervalo = 50%; 2º Tempo técnico = 55,56%; Depois do 2º tempo técnico = 36,96%) e ao **time** no 1º tempo da partida (Antes do tempo técnico = 49,40%; 1º Tempo técnico = 33,34%; Depois do 1º tempo técnico = 56,16%) no Intervalo (36,36%) e no 2º tempo técnico (Depois do intervalo = 39,53%; 2º Tempo técnico = 22,22%; Depois do 2º tempo técnico = 45,64%). No tempo técnico do 2º tempo da partida o treinador fez mais orientações individuais e no Intervalo houve uma variação entre intervenções coletivas e individuais.

No que tange ao Tempo, a maior parte das informações foram repassadas **durante**, ou seja, simultaneamente a algum episódio no decorrer da intervenção no 1º tempo da partida (Antes do tempo técnico = 81,93%; 1º Tempo técnico = 58,33%; Depois do 1º tempo técnico = 76,71%) e

no 2º tempo da partida (Depois do intervalo = 69,77%; 2º Tempo técnico = 55,56%; Depois do 2º tempo técnico = 78,26%). Contudo, no Intervalo, as informações repassadas pelo treinador fizeram referência, em sua maioria, a situações futuras e passadas, ou seja, **antes** (36,36%) e **depois** (40,91%) de episódios ocorridos no jogo. Por sua vez, em relação aos conteúdos das intervenções do Treinador A, foi possível constatar que este priorizou informações direcionadas às questões táticas no 1º tempo da partida (Antes do 1º tempo técnico = 42,10%; Depois do 1º tempo técnico = 45,45%) e no 2º tempo da partida (Depois do intervalo = 40%; Depois do 2º tempo técnico = 48%), com exceção do 1º tempo técnico (45,45%) e do intervalo jogo (50%), onde predominaram intervenções orientadas para outros conteúdos. Por fim, em relação às fases do jogo, foi possível constatar que, com exceção do 1º tempo técnico, houve uma predominância por intervenções verbais direcionadas para a fase ofensiva do jogo no 1º tempo da partida (1º Tempo técnico = 66,67%; Depois do 1º tempo técnico = 64,30%) no Intervalo (80%) e no 2º tempo da partida (Depois do intervalo = 87,17%; 2º Tempo técnico = 66,67%; Depois do 2º tempo técnico = 78,57%).

Tabela 4.

Frequência absoluta e relativa dos comportamentos secundários do Treinador A.

Comportamento do treinador	1º Tempo da Partida				2º Tempo da Partida		
	Antes do tempo técnico	1º Tempo técnico	Depois do tempo técnico	Intervalo	Depois do Intervalo	2º Tempo técnico	Depois do tempo técnico
Comportamento secundário	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)	f (%)
			Destinatário				
Individual	30 (36,15)	6 (50,00)	23 (31,51)	7 (31,82)	43 (50,00)	5 (55,56)	17 (36,96)
Grupo	7 (8,43)	1 (8,33)	7 (9,59)	1 (4,55)	6 (6,98)	2 (22,22)	4 (8,70)
Time	41 (49,40)	4 (33,34)	41 (56,16)	8 (36,36)	34 (39,53)	2 (22,22)	21 (45,64)
Outro	5 (6,02)	1 (8,33)	2 (2,74)	6 (27,27)	3 (3,49)	0	4 (8,70)
Qui-quadrado	54.80	51.36	68.24	22.96	66.32	21.57	42.24
P-Valor	<0.0001	<0.0001	<0.0001	<0.0001	<0.0001	<0.0001	<0.0001
			Tempo				
Antes	11 (13,25)	3 (25,00)	11 (15,07)	8 (36,36)	8 (9,30)	1 (11,11)	8 (17,39)
Durante	68 (81,93)	7 (58,33)	56 (76,71)	5 (22,73)	60 (69,77)	5 (55,56)	36 (78,26)
Depois	4 (4,82)	2 (16,67)	6 (8,22)	9 (40,91)	18 (20,93)	3 (33,33)	2 (4,35)

Qui-quadrado	103.6	26.64	83.14	5.77	59.94	28.90	92.80
P-Valor	<0.0001	<0.0001	<0.0001	0.055	<0.0001	<0.0001	<0.0001
			Conteúdo				
Técnico	7 (18,42)	2 (18,18)	11 (33,33)	6 (30)	12 (24)	1 (12,50)	2 (8)
Tático	16 (42,10)	4 (36,36)	15 (45,45)	4 (20)	20 (40)	5 (62,50)	12 (48)
Outro	15 (39,47)	5 (45,45)	7 (21,21)	10 (50)	18 (36)	2 (25)	11 (44)
Qui-quadrado	8.913	11.45	7.953	14.80	3.786	40.04	28.37
P-Valor	0.011	0.003	0.018	0.006	0.150	<0.0001	<0.0001
			Fase do Jogo				
Ofensivo	15 (51,72)	4 (66,67)	18 (64,30)	8 (80)	34 (87,17)	4 (66,67)	11 (78,57)
Defensivo	14 (48,28)	2 (33,33)	10 (35,70)	2 (20)	5 (12,83)	2 (33,33)	3 (21,43)
Qui-quadrado	0.160	11.56	7.840	36.00	54.76	11.56	33.64
P-Valor	0.689	0.007	0.005	<0.0001	<0.0001	0.007	<0.0001

A Tabela 5 apresenta as informações referentes aos comportamentos primários do Treinador B em diferentes momentos do jogo. Em ambas as etapas, o *silêncio*, (1º tempo = 36,36%; 2º tempo = 41,77%) foi o comportamento mais predominante, seguido da *instrução* (1º tempo = 31,17%; 2º tempo = 31,02%). Além disso, o treinador apresentou uma

baixa quantidade de comportamentos durante o intervalo, porém houve uma diversificação através do *silêncio* (25%) e *feedback* geral positivo (25%), seguido de *conferir com assistente* (12,50%), *feedback* corretivo (12,50%), *gestão indireta* (12,50%) e *questionamento* (12,50%).

Tabela 5.

Frequência absoluta e relativa dos comportamentos verbais do Treinador B.

Comportamento do treinador	1º Tempo da Partida		2º Tempo da Partida	
	Antes do intervalo	Intervalo	Depois do intervalo	
Comportamentos primários	f (%)	f (%)	f (%)	
Silêncio	56 (36,36)	2 (25,00)	66 (41,77)	
Instruction	48 (31,17)	0	49 (31,02)	
Conversa com assistente	11 (7,14)	1 (12,50)	5 (3,16)	
Agitação	10 (6,49)	0	6 (3,80)	
Repreensão	8 (5,19)	0	6 (3,80)	
Não codificável	6 (3,90)	0	10 (6,33)	
Análise de Protocolo Verbal	4 (2,60)	0	1 (0,63)	
Feedback geral positivo	3 (1,95)	2 (25,00)	1 (0,63)	
Feedback específico negativo	3 (1,95)	0	1 (0,63)	
Feedback corretivo	2 (1,30)	1 (12,50)	7 (4,43)	
Gerenciamento direto	2 (1,30)	0	1 (0,63)	
Gerenciamento crítico	1 (0,65)	0	3 (1,90)	
Feedback geral negativo	0	0	2 (1,27)	
Gerenciamento indireto	0	1 (12,50)	0	
Questionamento	0	1 (12,50)	0	
Total	154 (100)	8 (100)	158 (100)	
Qui-quadrado	169.3	11.50	243.4	
P-valor	<0.0001	0.042	<0.0001	

A Tabela 6 apresenta os comportamentos secundários realizados pelo Treinador B. Foi possível constatar que o treinador orienta suas intervenções de forma *individual* (1º Tempo = 40,91%; 2º Tempo = 27,22%) e coletiva (1º Tempo = 40,91%; 2º Tempo = 48,73%), em todos os momentos da partida. No entanto, foi possível constatar que no Intervalo do jogo, o Treinador B buscou direcionar suas intervenções verbais para o *time* em geral (75%). Em relação ao momento em que essas intervenções verbais aconteceram, foi possível observar que estas foram realizadas *durante* as ações, ou seja, de forma simultânea (1º Tempo = 75,32%; Intervalo = 62,50%; 2º Tempo = 75,31%). Já em relação ao conteúdo destas intervenções, foi possível observar a predominância de intervenções orientadas para questões *táticas* (1º Tempo = 57,60%; Intervalo = 62,50%; 2º Tempo = 75,31%). Por fim, as intervenções verbais do Treinador B foram mais direcionadas à fase *ofensiva* do jogo (1º tempo = 73,33%; 2º tempo = 55,40%). No entanto,

durante o Intervalo do jogo, o treinador priorizou intervenções verbais destinadas às questões *defensivas* da sua equipe (66,67%).

Tabela 6.

Frequência absoluta e relativa dos comportamentos secundários do Treinador B.

Comportamento do treinador	1º Tempo da Partida		2º Tempo da Partida	
	Antes do intervalo	Intervalo	Depois do intervalo	
Comportamento secundário	f (%)	f (%)	f (%)	
	Destinatário			
Individual	63 (40,91)	1 (12,50)	43 (27,22)	
Grupo	9 (5,84)	0	30 (18,99)	
Time	63 (40,91)	6 (75,00)	77 (48,73)	
Outro	19 (12,34)	1 (12,50)	8 (5,06)	
Qui-quadrado	41.68	74.93	40.64	
P-Valor	<0.0001	<0.0001	<0.0001	
	Tempo			
Antes	24 (15,58)	0	26 (16,46)	
Durante	116 (75,32)	5 (62,50)	119 (75,31)	
Depois	14 (9,09)	3 (37,50)	13 (8,23)	
Qui-quadrado	75.65	6.76	76.14	
P-Valor	<0.0001	0.009	<0.0001	
	Conteúdo			
Técnico	12 (13,04)	1 (25)	12 (14,28)	
Tactical	53 (57,60)	2 (50)	42 (50)	
Outro	27 (29,34)	1 (25)	30 (35,72)	
Qui-quadrado	29.55	11.41	18.74	
P-Valor	<0.0001	0.003	<0.0001	
	Fase do jogo			
Offensive	55 (73,33)	1 (33,33)	41 (55,40)	
Defensive	20 (26,67)	2 (66,67)	33 (44,60)	
Qui-quadrado	21.16	11.56	1.00	
P-valor	<0.0001	0.007	0.317	

Discussão

O objetivo da presente investigação foi analisar os comportamentos verbais utilizados por treinadores durante uma Competição Estadual de futebol da categoria Sub-11. O *silêncio* foi o comportamento mais frequente entre os treinadores em todos os episódios do jogo. Esse comportamento utilizado com intencionalidade, com fins de monitoramento, contribui para que os jogadores tenham autonomia na busca por soluções eficazes mediante os problemas encontrados no ambiente de jogo (Smith & Cushion, 2006). Nesse sentido, Figueiredo (2015) investigou o comportamento de um treinador durante um ciclo de oito sessões de

treino, com jogadores em formação esportiva, e identificou que o *silêncio* foi o comportamento mais proeminente no período investigado. Considerando a faixa etária dos participantes e a etapa da formação esportiva em que se encontram, este é um comportamento que deve ser encarado como estratégia pedagógica, uma vez que é possível observar o desempenho dos jogadores e pensar sobre possibilidades de intervenção, bem como o melhor momento para realizá-la (Smith & Cushion, 2006). Nessa perspectiva, o monitoramento silencioso oportuniza ao treinador um momento de análise da partida e do desempenho dos jogadores que, por sua vez, podem explorar o jogo de forma autônoma, mas não necessariamente efetiva para os problemas que emergem nele.

A instrução também foi um comportamento verbal bastante utilizado pelos treinadores durante os diversos períodos de jogo. O Treinador A priorizou comportamentos de instrução durante as paradas técnicas e intervalo. Esse é um comportamento bastante comum, semelhante ao *feedback* que é muito utilizado entre os treinadores em sessões de treino (Batista et al., 2019; Brandes & Elvers, 2017; Hicheur et al., 2020) e em competições (Dos Santos et al., 2014; Partington & Cushion, 2012). Dos Santos et al. (2014) afirmam que a maior parte das instruções são direcionadas para ações técnico-táticas, visando soluções mais eficazes no ambiente de competição e informações que consistem em uma avaliação positiva da ação dos jogadores. Compreendendo que a instrução seja o comportamento mais utilizado pelos treinadores de futebol, Smith & Cushion (2006) apontam que este comportamento verbal, combinado com períodos de silêncio, permite que os jogadores identifiquem informações relevantes e ajustem melhor suas respostas ao jogo. Essas informações caminham na mesma direção dos achados da presente investigação, considerando o *silêncio* como estratégia deliberada e a instrução como mecanismo que aumenta o foco de atenção dos jogadores e permite a manutenção de um comportamento coletivo funcional (Batista et al., 2019).

O intervalo de jogo nos mostrou uma maior diversidade de comportamentos utilizados pelos treinadores. Esse foi o período em que os treinadores adotaram estratégias diversificadas de intervenção. Possivelmente, essa variabilidade de comportamentos se deve ao maior tempo disponível para que o treinador possa analisar o contexto, pensar em estratégias e tomar decisões. Cushion et al. (2012) salientam que a natureza da competição é um fator que impacta o comportamento e as decisões dos treinadores, principalmente pelo curto espaço de tempo que estes profissionais têm para analisar o jogo em andamento e agir de acordo com a situação momentânea. Os autores enfatizam ainda que é importante que o treinador tenha capacidade para escolher e utilizar comportamentos apropriados ao contexto e às circunstâncias específicas. Dessa forma, a capacidade do treinador em diversificar os seus comportamentos parece ser interessante ao pensar em um processo de formação de jogadores que sejam capazes de analisar e responder à diferentes estímulos de maneira diversificada, inteligente e criativa.

Em relação aos comportamentos secundários, os treinadores tiveram comportamentos similares em quase todas as etapas. Foi possível constatar que as intervenções verbais dos treinadores são direcionadas tanto à um jogador (individual) quanto à equipe (coletiva). Portanto, é de suma importância que o(a) treinador(a) consiga promover uma comunicação eficaz para potencializar o desempenho esportivo, analisando o melhor momento para se direcionar à equipe, bem como à um jogador específico. Pérez & Seoane (2015) reforçam que os comportamentos dos treinadores podem ser positivos quando reforçam o acerto, mantêm o ânimo, questionam e instruem, seja após o erro ou acerto dos seus jogadores. Dos Santos et al. (2014) investigaram a correlação entre o comportamento de instrução de treinadores com o comportamento de jogadores em competição, e perceberam que os jogadores estiveram atentos às informações e modificaram seus comportamentos positivamente às informações prescritas pelos profissionais. Batista et al. (2019) constatou que o desempenho ofensivo e defensivo foi impactado positivamente quando os jogadores receberam instruções específicas, relacionadas aos episódios do jogo em questão, antes da aplicação da tarefa de treino.

Ao considerar o momento em que os treinadores intervieram, foi possível observar que estes, predominantemente, intervinham durante a ação de jogo (Cushion et al., 2012). Esse achado reforça o exposto por Cushion, Ford, et al. (2012) ao enfatizar que os treinadores são reativos às situações que estão ocorrendo, principalmente dentro das diferentes situações de jogo. Em relação ao conteúdo das intervenções verbais do treinador, foi possível constatar que predominaram comportamentos relacionados aos conteúdos táticos do jogo, exceto após o tempo técnico do Treinador A, onde prevaleceram comportamentos relacionados a conteúdos técnicos. Por fim, os comportamentos dos treinadores foram predominantemente direcionados à fase ofensiva do jogo. Esses resultados mostraram que os treinadores se preocuparam em maior parte nas ideias do jogo da fase ofensiva. As intervenções dos treinadores não focaram na execução motora (*gestos técnico-táticos*), uma vez que a atuação do jogador dentro do jogo passa pelo reconhecimento e gerenciamento de ações voltadas aos planos estratégicos, táticos e técnicos (Galatti et al., 2017). Logo, o comportamento de instrução pode potencializar a exploração do ambiente de jogo pelos jogadores, contribuindo para resoluções mais efetivas, melhorando o desempenho das equipes.

Conclusões

Os resultados evidenciam que os treinadores se comportam de diferentes maneiras, dependendo do momento da partida, dos episódios e das ações dos jogadores, ou seja, do contexto nos quais estão inseridos. Considerando ocasiões de pausa (i.e. tempo técnico e intervalo) e ocasiões de prática de jogo (i.e. durante o jogo), os treinadores combinaram silêncio e instrução. Em contrapartida, nas ocasiões de pausa diversificaram seus comportamentos verbais para

transmitir as informações aos seus jogadores.

Nesse sentido, é importante que o treinador disponha de sensibilidade pedagógica para analisar o contexto e utilizar adequadamente os diferentes comportamentos verbais disponíveis. Assim, espera-se que a informação seja recebida com eficácia pelos jogadores e os levem a explorar o ambiente de maneira inteligente e criativa, resultando positivamente no desempenho, fruto da interação treinador, jogadores e o jogo. Considerando essa necessidade de intervenção mais assertiva com os jogadores durante jogos competitivos, os comportamentos de silêncio e instrução direta podem contribuir para uma interação que provoque uma comunicação efetiva entre treinador e jogadores.

A presente investigação possui algumas limitações que podem ser solucionadas em estudos futuros, como a participação de mais treinadores e a análise do impacto do comportamento de treinadores no desempenho técnico/tático de dos seus jogadores. Outra limitação que pode ser solucionada em estudos futuros pode ser a investigação do comportamento do treinador em cenários de dono da casa ou visitante, visto que o presente estudo foi realizado em campo neutro. Além disso, investigações futuras podem destacar como o treinador se comporta a partir do resultado da partida. Sugerimos, ainda, que treinador seja entrevistado para descobrirmos informações sobre a forma de pensar o jogo e a relação que esta exerce sobre seu comportamento durante uma partida oficial.

Agradecimentos

O presente trabalho foi financiado pelo Programa Academia & Futebol, da Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor (SNFDT) do Ministério dos Esportes.

Referências

- Agustí, D., Ballester, R., Juan-Blay, J., Taylor, W., & Huertas, F. (2020). The Academic Background of Youth Soccer Coaches Modulates Their Behavior During Training. *Frontiers in Psychology, 11*(September), 2535.
- Allan, V., & Côté, J. (2016). A Cross-Sectional Analysis of Coaches' Observed Emotion-Behavior Profiles and Adolescent Athletes' Self-Reported Developmental Outcomes. *Journal of Applied Sport Psychology, 28*(3), 321–337.
<https://doi.org/10.1080/10413200.2016.1162220>
- Batista, J., Goncalves, B., Sampaio, J., Castro, J., Abade, E., & Travassos, B. (2019). The influence of coaches' instruction on technical actions, tactical behaviour, and external workload in football small-sided games. *Montenegrin Journal of Sports Science and Medicine, 8*(1), 29–36.
- Bettega, O., Scaglia, A., Nascimento, J., Ibáñez, S., & Galatti, L. (2018). O ensino da tática e da técnica no futebol: concepção de treinadores das categorias de base. *Retos, 33*, 112–117.
- Brandes, M., & Elvers, S. (2017). Elite youth soccer players' physiological responses, time-motion characteristics, and game performance in 4 vs. 4 small-sided games: the influence of coach feedback. *Journal of Strength and Conditioning Research, 31*(10), 2652–2658.
- Côté, J., & Erickson, K. (2015). Diversification and Deliberate Play during the Sampling Years. In J. Baker & D. Farrow (Eds.), *Routledge Handbook of Sport Expertise* (pp. 305–316). London: Routledge.
- Cushion, C., Ford, P. R., & Williams, M. (2012). Coach behaviours and practice structures in youth soccer: Implications for talent development. *Journal of Sports Sciences, 30*(15), 1631–1641.
<https://doi.org/10.1080/02640414.2012.721930>
- Cushion, C., Harvey, S., Muir, B., & Nelson, L. (2012). Developing the coach analysis and intervention system (CAIS): Establishing validity and reliability of a computerised systematic observation instrument. *Journal of Sports Sciences, 30*(2), 201–216.
<https://doi.org/10.1080/02640414.2011.635310>
- Diloy-Penã, S., Sevil-Serrano, J., Abós, Á., Sanz-Remacha, M., & García-González, L. (2022). Diferencias entre el modelo técnico-tradicional y el modelo comprensivo en la motivación y compromiso de jóvenes deportistas: un estudio transversal. *Retos, 44*, 421–432.
- Dos Santos, F., Sequeira, P., Lopes, H., & Rodrigues, J. (2014). O comportamento de instrução dos treinadores de jovens de futebol em competição. *Revista Iberoamericana de Psicología Del Ejercicio y El Deporte, 9*(2), 451.
- Dos Santos, F., Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz: Revista de Educacao Fisica, 18*(2), 262–272.
- Figueiredo, P. (2015). *Análise multidisciplinar da atividade de um treinador de uma equipa de futebol no escalão de sub-19*. Universidade de Lisboa.
- Galatti, L., Bettega, O., Paes, R., Reverdito, R., Seoane, A., & Scaglia, A. (2017). O Ensino Dos Jogos Esportivos Coletivos: Avanços Metodológicos Dos Aspectos Estratégico-Tático-Técnicos. *Pensar a Prática, 20*(3), 639–654.
<https://doi.org/10.5216/rpp.v20i3.39593>
- Goes, A., Lima, J., Machado, J., & Scaglia, A. (2022). Aplicando a Pedagogia do jogo: reflexões sobre a intervenção do(a) treinador(a). In P. . Borges, A. Teixeira, J. . Silva, & M. . Saad (Eds.), *Concepções transdisciplinares sobre a organização ofensiva do jogo de futebol* (1st ed., pp. 81–100). Educs.
- Hicheur, H., Chauvin, A., Cavin, V., Fuchslocher, J., Tschopp, M., & Taube, W. (2020). Augmented-feedback training improves cognitive motor performance of soccer players. *Medicine and Science in Sports and Exercise, 52*(1), 141–152.
<https://doi.org/10.1249/MSS.0000000000002118>

- Machado, J., & Scaglia, A. (2022). Pedagogia do Esporte e o ensino com jogos. In F. Clemente (Ed.), *Filipe Clemente .(Org). Pequenos Jogos para Treinar em Grande* (1st ed., pp. 175–209). Estoril: Prime Books.
- Paixão, P., Fuentes-Guerra, J., Domínguez, B., Nogales, J. A., Rodríguez, J., & Robles, M. T. (2021). Perfil y concepción de la enseñanza del entrenador de fútbol base de la región de Beja (Portugal). *Retos*, *42*, 344–352. <https://doi.org/10.47197/retos.v42i0.87365>
- Partington, M., & Cushion, C. J. (2012). Performance during performance: using Goffman to understand the behaviours of elite youth football coaches during games. *Sports Coaching Review*, *1*(2), 93–105. <https://doi.org/10.1080/21640629.2013.790167>
- Pérez, B., & Seoane, A. (2015). Influencia de un programa de intervención en las conductas de los entrenadores de baloncesto en categorías de formación. *Cuadernos de Psicología Del Deporte*, *15*(3), 219–226. <https://doi.org/10.47197/retos.v47.95568>
- Purnomo, E., Aisyah, S., Hadjarati, H., Azis, A., Suardika, I. K., Jermaina, N., & Gumilar, A. (2024). The Coach's Role in Understanding the Athletes' Condition: Maximizing Communication Functions El papel del entrenador en la comprensión de la condición de los deportistas: maximizar las funciones de comunicación. *Retos*, *55*, 543–551. <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/index>
- Smith, M., & Cushion, C. J. (2006). An investigation of the in-game behaviours of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Sciences*, *24*(4), 355–366. <https://doi.org/10.1080/02640410500131944>
- Touguinhó, D., Galatti, L., & Vasconcellos, F. (2023). Como avaliar a comunicação de treinadores e treinadoras de futebol? *Retos*, *47*, 1031–1040. <https://doi.org/10.47197/retos.v47.95568>

Datos de los/as autores/as:

Ronélia Oliveira Melo Viana	ronelia.viana@gmail.com	Autor/a
Alberto Góes Júnior	algj1421@gmail.com	Autor/a
João Bosco Gomes Lima Júnior	bosco.junior1712@gmail.com	Autor/a
Tathiane Krahenbuhl	tathiane.krahenbuhl@ufam.edu.br	Autor/a
Lucas Leonardo	lucasleonardo@ufam.edu.br	Autor/a
Alcides José Scaglia	alcides.scaglia@gmail.com	Autor/a
João Machado	jclaudio@ufam.edu.br	Autor/a